



ISSN: 2595-1661

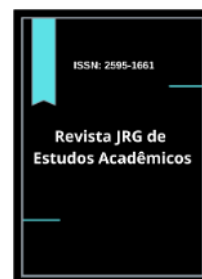
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](http://portaldeperiodicos.capes.gov.br)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Merleau-ponty e os fundamentos fenomenológicos da educação inclusiva

Merleau-ponty and the phenomenological foundations of inclusive education

DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2451

ARK: 57118/JRG.v8i19.2451

Recebido: 08/09/2025 | Aceito: 14/09/2025 | Publicado on-line: 15/09/2025

Maurício Bueno da Rosa¹

<https://orcid.org/0000-0003-1407-357X>

<http://lattes.cnpq.br/988160822559155>

Universidade Estadual do Paraná, PR, Brasil

E-mail: mauriciobueno7@hotmail.com



Resumo

Este ensaio explora a relevância da fenomenologia de Merleau-Ponty para a educação inclusiva. Ao invés de focar em diagnósticos, a visão fenomenológica enfatiza a primazia da percepção, o corpo-próprio como "ser-no-mundo" e a intersubjetividade. Isso permite repensar a inclusão como reconhecimento da diversidade e das formas singulares de habitar o mundo. A crítica ao empirismo e intelectualismo ressalta que o indivíduo não é um receptor passivo ou uma consciência desvinculada, mas um ser completo que interage ativamente com o ambiente. A educação inclusiva, inspirada por essa filosofia, deve valorizar a experiência vivida de cada aluno, adaptando o currículo e as práticas pedagógicas para acolher e celebrar as diferenças, promovendo um ambiente onde a diversidade é um benefício coletivo.

Palavras-chave: Fenomenologia. Percepção. Corpo. Inclusão.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, sendo licenciado em Filosofia e Pedagogia. Também possui especialização em Magistério Superior e Gestão Escolar. Atualmente é Professor Adjunto na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Na sua trajetória profissional atuou como servidor efetivo na Pró-reitoria de graduação da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), coordenando programas educacionais e atividades relacionadas ao ensino. Também atuou como professor da PUC-PR, ministrando aulas para diversos cursos superiores. Coordena o projeto de pesquisa "A Percepção Corporal e o Desenvolvimento Cognitivo Infantil: Implicações para a Psicologia da Educação a partir da Fenomenologia de Merleau-Ponty" e atua como pesquisador externo do grupo de pesquisa "Hermenêuticas da cultura, mundo e educação" do PPGE/UFSC. Coordena o projeto de extensão Cineclubes Tela Crítica: reflexões sobre educação e sociedade. Atua como revisor de diversos periódicos científicos nacionais e internacionais. Desenvolve estudos e pesquisas em ciências humanas, cujos interesses transitam entre temas como: Educação Inclusiva, Fenomenologia e Psicologia da educação.

Abstract

This essay explores the relevance of Merleau-Ponty's phenomenology for inclusive education. Rather than focusing on diagnoses, the phenomenological perspective emphasizes the primacy of perception, the body itself as "being-in-the-world," and intersubjectivity. This allows us to rethink inclusion as a recognition of diversity and unique ways of inhabiting the world. The critique of empiricism and intellectualism emphasizes that the individual is not a passive recipient or a detached consciousness, but a complete being who actively interacts with the environment. Inclusive education, inspired by this philosophy, must value the lived experience of each student, adapting the curriculum and pedagogical practices to welcome and celebrate differences, fostering an environment where diversity is a collective benefit.

Keywords: Phenomenology. Perception. Body. Inclusion.

1. Introdução

Este ensaio busca analisar as profundas ressonâncias entre os conceitos formados por Merleau-Ponty no começo de sua obra-prima e os bases teóricas e práticas da educação inclusiva. Pretendemos demonstrar que a visão fenomenológica, ao dar importância à primazia da percepção, a centralidade do corpo-próprio como "ser-no-mundo" e intersubjetividade oferece uma estrutura filosófica para repensar a inclusão, não como simples adaptação ao sistema já existente, mas como reconhecimento real da diversidade das singularidades e das formas de habitar e ver o mundo. Ao invés de focar em categorias diagnósticas a fenomenologia nos faz pensar sobre a riqueza relacionada às inúmeras formas de "ser-no-mundo" abrindo um caminho para práticas educacionais que acolham e celebrem a diferença.

2. Metodologia

Afim de desenvolver a nossa problemática adotamos como metodologia a perspectiva da investigação qualitativa com aspectos de pesquisa bibliográfica e da pesquisa de observação in loco tendo como finalidade respaldar nosso estudo nos textos de Merleau-Ponty, além de autores que se debruçaram sobre os temas e conceitos que julgamos imprescindíveis para este ensaio. Conduzimos nossa pesquisa com uma atitude reflexiva e crítica diante dos conceitos e argumentos expostos, fazendo uso de elementos empíricos de observação, teóricos e conceituais próprios da filosofia e da fenomenologia e relacionados à educação inclusiva.

3. Resultados e Discussão

Para entender a importância da reflexão de Merleau-Ponty para a educação inclusiva é importante abordar os seus conceitos centrais que se apresentam logo no início da Fenomenologia da Percepção, mais precisamente no célebre prefácio desta obra. Para Merleau-Ponty:

(...) a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade" (1999, p. 7).

Ao repor "Repor as essências na existência" Merleau-Ponty rompe com uma longa tradição, pois, por um longo, a filosofia se dedicou à procura de "essências" perfeitas e abstratas, distantes do mundo real e palpável. Merleau-Ponty muda essa forma de pensar. Segundo ele, a essência de algo ou de alguém não é um conceito isolado, mas sim algo que se forma e se mostra na vivência, no "fazer parte do mundo". Tal pensamento vai de encontro à prática de definir um estudante com base

em um laudo (uma "essência" distante da realidade). A educação inclusiva, inspirada por essa visão, busca compreender o aluno a partir de sua existência real e singular: como ele se comunica, como interage, como aprende no dia a dia, e não a partir de uma categoria pré-definida. Além disso, compreender o homem e o mundo a partir de sua 'facticidade' pode significar um olhar para a nossa condição concreta, nosso corpo, nossa história, o ambiente em que vivemos, a nossa existência, pois, não somos consciências puras, somos seres "encarnados",² e nosso corpo é a nossa forma de acesso e engajamento no mundo.

Ainda no início do Prefácio, Merleau-Ponty (1999, p. 8) nos diz que:

Eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu "psiquismo", eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido.

Como vemos, um indivíduo não pode ser reduzido a um mero objeto de estudo científico ou a um produto de causas biológicas, psicológicas e sociais. Isso se conecta à educação inclusiva ao defender que cada aluno é um "corpo-sujeito", um ser único cuja experiência vivida e percepção do mundo são centrais. Nessa perspectiva, o ensino precisa transcender classificações e avaliações, dando importância à maneira única com que cada aluno, apresentando ou não alguma dificuldade, interage com o ambiente e atribui significado às coisas. Desse modo, uma abordagem pedagógica inclusiva deve encarar o estudante como alguém portador de potencial, cuja vida e aprendizado acontecem na interação física e sensorial com o que o cerca.

Com esta visão Merleau-Ponty critica duramente as duas linhas filosóficas que por muito tempo serviram de base para o paradigma do conhecimento ocidental, e que, segundo o autor, não conseguem captar a riqueza da experiência vivida: o empirismo e o intelectualismo.

Merleau-Ponty critica a perspectiva empirista da percepção, que a reduz a um conjunto de sensações isoladas, e a perspectiva intelectualista, que entende como um ato de síntese exclusivamente racional.³

Para compreender a percepção, a noção de sensação é fundamental. A sensação não é nem um estado ou uma qualidade, nem a consciência de um estado ou de uma qualidade, como Estudos de Psicologia 2008, 13(2), 141-148 142 definiu o empirismo e o intelectualismo. As sensações são compreendidas em movimento: "A cor, antes de ser vista, anuncia-se então pela experiência de certa atitude de corpo que só convém a ela e com determinada precisão (NÓBREGA, 2008, p. 142).

² Nogueira em seu artigo *A percepção como revelação do mundo; Fenomenologia de Merleau-Ponty* (2007, p. 19) afirma que o conceito de consciência encarnada exprime de forma sintética o núcleo de pensamento filosófico de Merleau-Ponty. O homem existe como ser-no-mundo pelo corpo. Tal é o seu modo próprio de ser. Não é alguém que se encontra objetivamente como simples coisa no meio do mundo, nem uma consciência encerrada na sua interioridade. Realiza-se como para-si – como consciência e liberdade – no ato de sair de si e estar junto das coisas em relação com o mundo e os outros homens. Como abertura e presença afirma-se como sujeito que tem o mundo como destinação do seu ser. (...) A reflexão filosófica tem por fim elucidar o que significa para o homem existir em sentido próprio.

³ Nóbrega em seu artigo *Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty* (2008, p. 142) afirma que a percepção está relacionada à atitude corpórea. Essa nova compreensão de sensação modifica a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, fundado no empirismo e no intelectualismo, cuja descrição da percepção ocorre através da causalidade linear estímulo-resposta. Na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo.

Segundo o empirismo, o indivíduo é um receptor passivo de estímulos externos, e o conhecimento é formado por meio da associação dessas sensações. No entanto, essa abordagem não consegue explicar como a experiência se apresenta a nós como um todo significativo, como percebemos objetos e não apenas qualidades isoladas. A mesa não se resume a um amontoado de cores e texturas; ela é uma mesa, com sua própria função e posição no mundo. Sob uma perspectiva empirista, a inclusão poderia restringir o ajuste do ambiente sensorial para o indivíduo, sem levar em conta sua capacidade de agir ou sua maneira singular de interpretar o mundo.

Em contrapartida, o intelectualismo, representado por Descartes e Kant, defende que a consciência impõe a ordem e o sentido à experiência. O sujeito pensante constitui o mundo, e a percepção é um ato de julgamento ou categorização.

O mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele, e seria artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que ligariam as sensações, depois os aspectos perspectivais do objeto, quando ambos são justamente produtos da análise e não devem ser realizados antes dela. (...) O real deve ser descrito, não construído ou constituído. Isso quer dizer que não posso assimilar a percepção às sínteses que são da ordem do juízo, dos atos ou da predicação (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 7).

Apesar do intelectualismo considerar a atividade do indivíduo, ele tende a desvincular a consciência do corpo e do mundo, tratando-a como algo separado. A vivência passa a ser um produto da mente, em vez de uma interação com uma realidade existente.

Na educação, uma perspectiva intelectualista poderia dar enorme valor à cognição abstrata, ignorando as diversas formas de inteligência e expressão, e impondo um modelo de aprendizagem padronizado que não leva em conta as especificidades da experiência de cada indivíduo. Nesse contexto, a inclusão poderia acabar sendo uma tentativa de "normalizar" o pensamento e a habilidade de raciocínio, ao invés de valorizar a variedade de processos cognitivos.

Merleau-Ponty supera essa dicotomia⁴ ao afirmar que a percepção é uma experiência fundamental, que precede qualquer reflexão ou categorização.

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6).

Como vemos a percepção não é simplesmente uma combinação de sensações nem um processo de formação da consciência, trata-se de um envolvimento ativo do corpo com o mundo. Dessa forma, a fenomenologia nos conduz ao que é dado, à experiência como ela se manifesta, antes de qualquer esforço para

⁴ Para Reynolds em seu verbete para a *Enciclopédia de Filosofia* Merleau-Ponty buscou desenvolver uma redescritção radical da experiência corporificada (com primazia dada aos estudos da percepção) e argumentou que esses fenômenos não poderiam ser adequadamente compreendidos pela tradição filosófica devido à sua tendência a oscilar entre duas alternativas falhas e igualmente insatisfatórias: o empirismo e, o que ele chamou de intelectualismo. (...) O ponto principal a ser extraído disso é que, para Merleau-Ponty, tanto o empirismo quanto o intelectualismo são posições eminentemente falhas: No primeiro caso, a consciência é pobre demais, no segundo, rica demais para que qualquer fenômeno a atraia de forma convincente. O empirismo não consegue enxergar que precisamos saber o que buscamos, caso contrário, não estaríamos buscando, e o intelectualismo não consegue enxergar que precisamos ignorar o que buscamos, ou, da mesma forma, não deveríamos estar buscando (PP 28).

explicá-la ou construí-la.⁵ A importância de priorizar a forma como percebemos o mundo é essencial para promover a inclusão. Isso nos leva a valorizar a legitimidade e a diversidade das vivências individuais, sem restringi-las a classificações estabelecidas previamente.

A primazia da percepção e da experiência vivida

Na visão de Merleau-Ponty, a forma como existimos no mundo se manifesta essencialmente pela percepção, que não se configura como um evento isolado. É por meio dela que o mundo se apresenta, não como meros objetos estáticos, mas como um leque de sentidos e chances. Assim, sua filosofia tem como alicerce a experiência imediata. Para Nóbrega (2008, p. 142):

(...) é preciso enfatizar a experiência do corpo como campo criador de sentidos, isto porque a percepção não é uma representação mentalista, mas um acontecimento da corporeidade e, como tal, da existência. (...) Merleau-Ponty reforça a teoria da percepção fundada na experiência do sujeito encarnado, do sujeito que olha, sente e, nessa experiência do corpo fenomenal, reconhece o espaço como expressivo e simbólico.

Com esta maneira de ver as coisas Merleau-Ponty não quer dizer que tudo é pura opinião, mas sim que a forma como interagimos com o mundo está sempre ligada ao nosso corpo e à nossa maneira única de experimentar cada momento. Essa ideia tem profundos impactos na educação inclusiva, porque mostra que o aprendizado precisa estar conectado com a experiência real de cada aluno, sendo que cada um, com seu jeito único de enxergar as coisas, cria seu próprio universo de interpretações. O papel do professor é dar valor e entender essa criação individual, ao invés de forçar uma maneira única de ver e entender o mundo.

Um dos conceitos mais revolucionários e impactantes de Merleau-Ponty é o de "corpo vivido".⁶ Ao contrário do corpo físico, que a ciência estuda como uma máquina ou um conjunto de órgãos, o corpo vivido é aquele que sentimos, o centro da nossa experiência, a forma como interagimos com o mundo e com as pessoas. "Eu não sou um amontoado de sensações ou um corpo físico, mas alguém que percebe, age, se move e sente", ele diz. Para Garcia:

(...) quando Merleau-Ponty quer fazer valer a corporalidade contra o modelo de uma consciência transcendental e constituinte, devedor direto de uma definição intelectualista da consciência, refere-se então ao corpo em sua materialidade física ou em suas definições anátomo-fisiológicas. Deste modo, as análises merleau-pontianas passariam diretamente ou sem escalas de um corpo-sujeito – ou, mais estritamente, um sujeito encarnado – ao lado contrário, isto é, a um corpo objetivado pelas ciências da vida e vice-versa, em um movimento de vaivém ou zigue-zague que nunca encontraria esse "outro tipo de ser" onde deter – ou começar – uma análise original e própria do corpo vivente enquanto tal (2012, p. 133).

O corpo não é apenas uma embalagem da mente, mas a própria mente em forma física. É através dele que sentimos, nos movimentamos, nos expressamos e

⁵ Para Machado e Denari (2019, p. 902) a inclusão não pode ser vista como resultado de uma prática e técnica, onde o seu sucesso pode ser assegurado cientificamente. A fenomenologia, nesse sentido, pode contribuir para que possamos aprender, ou reaprender a pensar em novos caminhos de inclusão, que poderão, com certeza, ser diversos, entretanto, o ato de pensar poderá encontrar respostas ao que merece ser dado.

⁶ Para Nascimento (2020, p. 13) o corpo vivido se encontra intimamente associado à corporeidade. Isso significa dizer, que a espacialidade corporal, enquanto conjunto de significações é primordial para percepção dos contornos do corpo e particular para o entendimento de uma existência.

nos comunicamos. Portanto, enfermidades, limitações e características funcionais distintas não são somente problemas técnicos do organismo, mas sim maneiras singulares de viver e sentir o mundo, ou seja, maneiras diferentes de interagir com tudo ao redor. Para a inclusão na educação, isso quer dizer que o corpo do estudante, com tudo o que ele é, deve ser o começo do trabalho de ensino. As diversas formas de se mover, de se expressar e de perceber as coisas não são barreiras, mas sim jeitos autênticos de existir, que precisam ser aceitos e fazer parte do aprendizado.

Merleau-Ponty via o mundo não como algo que a mente cria, mas como um "pano de fundo" que existe antes de nós e nos cerca.

O sujeito-corpo de Merleau-Ponty está no mundo, ou antes, é no mundo em seu engajamento prático com o entorno. Tal engajamento é constituído em uma relação ativa com o mundo, de modo que percebê-lo, agir nele e *fazer sentido* dele são parte da mesma abertura ontológica do ser. Se o ser humano está aberto ao mundo desde sempre em um estado pré-consciente, e se esse mundo também é habitado por outros seres humanos, pode-se falar de um "espaço intermundano" no qual todos os sujeitos-corpos habitam (Merleau-Ponty 1968, 269) (SONEGHET, 2021, p.5).

É neste mundo que a forma como sentimos as coisas ganha espaço e cresce. Este "pano de fundo" é tudo o que podemos experimentar, o lugar onde vivemos. E neste mundo, não estamos sós. A forma como vemos os outros faz parte de como vemos o mundo. A ideia de que partilhamos experiências não é um quebra-cabeças, mas a base da nossa vida. Vemos os outros não como coisas, mas como outras pessoas, cada um sentindo o mundo à sua maneira. Entender isto é essencial para a inclusão. A dinâmica escolar, o convívio em grupo e a vida em sociedade representam "espaços de partilha" onde cada indivíduo se encontra e se relaciona com os demais. A inclusão, nesse sentido, vai além de simplesmente inserir indivíduos num determinado contexto; trata-se de tecer um ambiente acolhedor onde todos se sintam à vontade e onde a diversidade seja valorizada como um benefício coletivo. A verdadeira inclusão se manifesta quando reconhecemos as particularidades do outro, compreendemos a sua maneira de vivenciar a vida e, assim, promovemos um ambiente verdadeiramente inclusivo para todos.

A FENOMENOLOGIA COMO FUNDAMENTO PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A visão filosófica de Merleau-Ponty priorizando a vivência, o papel do corpo e a relação humana, oferece um excelente alicerce para compreender e desenvolver os conceitos da educação inclusiva. Em vez de forçar a adequação a um padrão estabelecido, a inclusão, sob a ótica da fenomenologia, mostra-se como um apreço pelas diversas formas de sentir e interpretar o mundo. Essa postura demanda uma mudança substancial nos fundamentos e nos métodos da educação.

As observações de Merleau-Ponty sobre a supervalorização da experiência pura e o excesso de racionalidade são relevantes para a educação inclusiva. No passado não muito distante, a educação de indivíduos com deficiência ou necessidades educativas especiais frequentemente se perdia em abordagens superficiais. O modelo médico, por exemplo, pode ser interpretado como uma ênfase exagerada na experiência, concentrando-se nas dificuldades e restrições do indivíduo, tratando-o como mera coleção de sinais. Dentro dessa perspectiva, tenta-se adaptar o sujeito para se encaixar em um padrão estabelecido, ignorando sua singularidade e sua forma de interagir com o mundo ao redor. A inclusão, conseqüentemente, se

transforma em um processo de "ajuste", com o objetivo de tornar o aluno com deficiência o mais parecido possível com os outros. Para Oliveira:

Uma visão da educação focada demais no pensamento ou no intelecto pode acabar ignorando como o corpo e a experiência influenciam o aprendizado. Dar muita importância à capacidade de entender conceitos abstratos, guardar informações na memória ou resolver problemas de lógica pode deixar de lado aqueles estudantes que aprendem melhor através dos sentidos, da visão, ou que mostram suas habilidades de outras formas. Considerar a inclusão desses estudantes talvez implique forçá-los a se adequarem a um currículo excessivamente focado no raciocínio, ignorando as diversas formas pelas quais o aprendizado pode ocorrer. (2021, p. 11)

Merleau-Ponty nos apresenta uma solução para transcendermos tais divisões. Uma abordagem educacional inclusiva, inspirada em seu pensamento, não deveria reduzir o estudante a um mero caso a ser rotulado (como propõe o empirismo), tampouco considerá-lo unicamente como uma inteligência desvinculada de seu corpo (como sugere o intelectualismo). Ao contrário, ela precisa reconhecer o aluno por completo, como um ser que percebe as coisas, sente, age e interage com o mundo de uma maneira que é só dele. Isso significa dar valor àquilo que o aluno já viveu como ponto de partida, entendendo que aprender é algo que acontece no corpo todo e envolve a pessoa por completo.

Adaptar as ideias de Merleau-Ponty ao dia a dia da educação inclusiva traz à tona várias questões importantes, que questionam as práticas de sempre e sugerem uma nova forma de entender como se ensina e se aprende. Afinal, se incluir é aceitar as diferenças e dar valor a cada experiência em sua singularidade, então é preciso mudar a maneira como pensamos os métodos, o que se ensina e como os professores são preparados, levando em conta essa visão focada na experiência.

Uma das consequências mais claras de aplicar a fenomenologia de Merleau-Ponty na educação inclusiva é a urgência de ter um currículo que se adapte facilmente às diferentes maneiras de perceber e interagir com o saber. Considerando que o aprendizado se concretiza na vivência diária e a experiência assume um papel primordial, um programa curricular rígido e padronizado falha em valorizar a diversidade de indivíduos e suas maneiras particulares de interagir com o mundo. Em outras palavras, a simples alteração dos recursos didáticos ou a simplificação do conteúdo não são suficientes. Machado e Denari afirmam que:

Torna-se imprescindível a criação de um projeto pedagógico adaptável, onde o conhecimento é construído à medida que os alunos conectam o aprendizado com suas vivências e sentimentos pessoais. Isso pode envolver usar projetos, analisar casos reais e fazer atividades que permitam explorar os temas por diferentes caminhos e com todos os sentidos (2019, p. 8).

Partindo do princípio de que cada um percebe as coisas do seu jeito, o currículo deve oferecer diferentes maneiras de apresentar o conteúdo (com imagens, sons, pelo toque, movimento) e, da mesma forma, dar aos alunos a chance de mostrar o que aprenderam de diversas formas (escrevendo, falando, criando arte, atuando, construindo coisas, etc.). Isso se alinha com os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), que busca remover barreiras e proporcionar flexibilidade nas formas de engajamento, representação e ação e expressão.

O DUA é uma referência que corrige o principal obstáculo para promover alunos avançados nos ambientes de aprendizagem: os currículos inflexíveis, tamanho único para todos. São precisamente esses currículos inflexíveis que

geram barreiras não intencionais para o acesso ao aprendizado. (...) O DUA considera a variabilidade/diversidade dos estudantes ao sugerir flexibilidade de objetivos, métodos, materiais e avaliações, permitindo aos educadores satisfazer carências diversas. O currículo que se cria seguindo a referência do DUA é planejado desde o princípio para atender às necessidades de todos os alunos, fazendo com que mudanças posteriores, assim como o esforço e o tempo vinculados a elas, sejam dispensáveis (HEREDERO, 2020, p. 735).

Reconhecendo que cada aluno tem um ritmo e um modo de aprender, o currículo deve permitir a personalização do percurso de aprendizagem, oferecendo desafios adequados e oportunidades para que cada um avance em seu próprio tempo e de acordo com suas capacidades.

Na visão de Merleau-Ponty, dar importância ao corpo e às experiências individuais requer um ensino ativo e prático, que valorize a interação física com o ambiente e os outros. A sala de aula se transforma em um local de exploração, onde o aprendizado acontece na prática e na colaboração, ao invés de só absorver dados. Estratégias como a Aprendizagem Baseada em Projetos e Problemas permitem aos alunos enfrentar situações reais, construindo conhecimento ao solucionar desafios e desenvolver soluções. Isso estimula o interesse e a conexão com a realidade. Além disso, usar vários sentidos ao mesmo tempo, com materiais que se tocam, veem, ouvem e sentem, deixa o aprendizado mais rico e acessível a todos. Brincadeiras, jogos, experiências e artes são ótimos para ativar os sentidos e o corpo. Também é essencial valorizar o corpo e seus movimentos na aula. Atividades como dança, teatro, educação física e jogos em grupo ajudam a desenvolver o corpo, a falar sem palavras e a conviver. Para finalizar, a configuração da sala precisa ser adaptável, possibilitando tanto colaborações em equipe quanto atividades individuais, exercícios práticos e instantes de reflexão. Desse modo, a interação se torna mais simples e as demandas de cada pessoa são mais facilmente supridas.

As consequências práticas da fenomenologia de Merleau-Ponty para a educação inclusiva são amplas e marcantes. Elas nos incentivam a superar uma perspectiva utilitarista do ensino, adotando uma postura que valoriza a complexidade da vivência humana em suas múltiplas formas, e que visa edificar um contexto onde todos os "corpos vividos" consigam prosperar e colaborar ativamente.

4. Conclusão

Neste texto, nosso objetivo foi ilustrar de que maneira a *Fenomenologia da Percepção* de Maurice Merleau-Ponty estabelece um alicerce filosófico notavelmente forte e centrado no humano para a teoria e a prática da educação inclusiva. Mais do que simplesmente adaptar pessoas a um sistema já existente, a inclusão, vista através da fenomenologia, se mostra como um esforço constante para reconhecer, dar valor e receber a diversidade inerente à vivência humana.

A noção de "corpo vivido" ganha relevância como a base dessa interpretação. O corpo não deve ser encarado como algo a ser moldado ou homogeneizado, e sim como o meio pelo qual nos construímos como seres únicos e nos relacionamos com o que nos cerca. As diversas formas de manifestar o corpo, os jeitos distintos de se movimentar, se expressar e absorver conhecimento, não são barreiras, mas sim retratos da diversidade da existência humana. A educação inclusiva, portanto, deve ser um ambiente onde todos os corpos, em sua pluralidade, são bem-vindos e onde as abordagens de ensino são adaptáveis o suficiente para envolver essa variedade de vivências.

Enxergar o ambiente como um simples palco e os laços entre as pessoas como essenciais à nossa essência reforça a noção de que a escola e seus ambientes configuram "universos à parte". Nesses contextos, a verdadeira inclusão se manifesta através da construção colaborativa de conhecimento, do fomento à empatia e da estima pelo outro. Vai além de tolerar as singularidades; celebra-as como elementos enriquecedores para o coletivo, fomentando a inovação e a intensidade dos laços sociais.

As consequências para o ensino dessa perspectiva são amplas: desde a exigência de programas de estudo maleáveis e práticas ativas e baseadas na experiência, que envolvam o corpo e os sentidos, até a capacitação de educadores aptos a conduzir a variedade de vivências e a estruturação de espaços físicos e sociais realmente acessíveis. A educação inclusiva, sob a ótica de Merleau-Ponty, seria um chamado para quebrar padrões inflexíveis e adaptar o contexto – e não o sujeito – para que este seja um local de amparo e crescimento para todos.

Na visão de Merleau-Ponty, encontramos não apenas um entendimento, mas um jeito autêntico de experimentar a vida e de construir laços com as pessoas. Trata-se de uma atitude de abertura, cuidado e respeito pela dignidade que cada um possui ao manifestar sua individualidade no mundo. Desta forma, a inclusão transcende o contexto educativo e se estabelece como um princípio moral e de vida, um compromisso com a criação de uma sociedade mais justa, equitativa e essencialmente humana, onde a variedade não é vista como um obstáculo, mas sim como a essência da nossa riqueza coletiva.

Referências

GARCÍA, Esteban A. O corpo vivido e o movimento da vida em Merleau-Ponty e Barbaras. *Cadernos Espinosanos*, 27, 131-158, 2012.

MACHADO, Edileine Vieira; DENARI, Fátima Elisabeth. FENOMENOLOGIA: UM CAMINHO PARA COMPREENSÃO DE PROCESSOS INCLUSIVOS. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 15, n. 1, esp., p. 900-915, 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A estrutura do comportamento. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Conversas*: 1948. Tradução de Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos psicossociologia e filosofia*. Tradução de Constança Marcondes Cezar e Lucy Moreira Cezar. São Paulo: Papius, 1990.

NASCIMENTO, Marcelo de Maio. Dança e conhecimento: reflexões sobre o corpo vivido. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 01-17, abr./jun., 2020.

NOGUEIRA, André. A percepção como revelação do mundo: Fenomenologia de Merleau-Ponty. *Reflexão*, Campinas, v. 32, n. 91, p. 19-26, jan./jun., 2007.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. Estudos de Psicologia, Natal, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008.

OLIVEIRA, Fátima Elisabeth Denari. O que é isto, Educação Inclusiva? Compreensões à luz da Fenomenologia. Revista Acadêmica Online, Brazil, v.10, n.54, p. 01-22, 2024.

SEBASTIÁN-HEREDERO, Eladio. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru, v.26, n.4, p.733-768, out.-dez., 2020.

SONEGHET, Lucas Faial. A subjetividade corporificada nos marcos da sociologia existencial. Civitas - Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 23-34, 2021.